

Caracterização Histórica, Econômica, Ambiental e Sociocultural da Comunidade Remanescente de Quilombo de Santana, Salgueiro – Pernambuco, Brasil

Geraldo B. Oliveira Junior^a

Resumo: Este artigo é um resumo do Relatório Antropológico de Caracterização Histórica, Econômica, Ambiental e Sociocultural elaborado no ano de 2009 como atividade do Programa Básico Ambiental Quilombola do Projeto de Transposição do rio São Francisco. O relatório teve por objetivo a definição do território da Comunidade de Remanescentes de Quilombo de Santana, localizada no município de Salgueiro-PE. O território quilombola de Santana, em Salgueiro-PE, distante da sede do município 22 quilômetros é constituído por 05 sítios interligados. A saber, são eles: Santana, Jurema, Olaria, Recanto e Livramento. No território habitam aproximadamente 66 famílias. Os limites atuais do território incluem as terras localizadas entre Umãs, Sítios Novos, Boqueirão, Pau Ferro e Várzea do Ramo.

Palavras-Chave: Quilombolas, Relatório Antropológico, Pernambuco, Brasil.

Este artigo é um resumo do Relatório Antropológico de Caracterização Histórica, Econômica, Ambiental e Sociocultural elaborado no ano de 2009 como atividade do Programa Básico Ambiental Quilombola do Projeto de Transposição do rio São Francisco.

Os relatórios antropológicos, diferente de uma proposta jurídico-administrativa que objetiva afirmar ou negar a identidade de um

^a Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN. Email: geraldointopos@gmail.com. Orcid: 0000-0001-7643-7370.

grupo, busca pela compreensão de quais são os elementos e mecanismos, acionados na construção e assunção de uma identidade como a de ‘remanescente de quilombos’ (Cantarelli 2008).

Assim, o hiato entre o campo jurídico e o campo antropológico fica menor. As contribuições mútuas são o que caracterizam o laudo em seu fim último: a definição de um território para um grupo baseado na sua identidade construída sobre suas categorias de apropriação de um espaço de sociabilidade e produção com base em uma identidade étnica. “E neste sentido tudo se amplia: o diálogo não é apenas com o jurídico, mas abrange a sociedade e várias áreas de conhecimento, discursos, atores e interesses, por vezes antagônicos” (Leite 2000:67).

“Além do importante papel dos movimentos sociais e das entidades não-governamentais, a luta pela titulação territorial em favor de grupos quilombolas vem contando com o decisivo apoio da Associação Brasileira de Antropologia e das Universidades Federais do País, na realização de estudos sobre a temática e de pesquisas para a produção de laudos periciais destinados a instruir processos administrativos e jurídicos, com vistas a fundamentar decisões dos órgãos competentes no processo de titulação da terra” (Bezerra 2006:95).

O relatório teve por objetivo a definição do território da Comunidade de Remanescentes de Quilombo de Santana, localizada no município de Salgueiro-PE, como parte das ações do Programa de Desenvolvimento dos Territórios Quilombolas – PBA item 17, no âmbito das ações do Projeto de Integração do Rio São Francisco às Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional. Neste sentido, vale o esforço pelo entendimento da categoria quilombo com um conceito contemporâneo. Evitando uma definição limitadora, como bem lembra o antropólogo Alfredo Wagner de Almeida, ao citar:

“O quilombo, enquanto categoria definidora, permanece incrustado na memória coletiva da Nação – seja dos operadores jurídicos, seja de determinadas representações do senso comum – como o isolado negro, tendo como paradigma o quilombo do Palmares. Deve-se relativizar a definição presente em nossos dispositivos jurídicos e

sociais que, desde o tempo da Colônia, definem o quilombo como ‘toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele’, assim como fora formulado em carta em resposta ao rei de Portugal em virtude de consulta feita ao Conselho Ultramarino em 1740. Um conceito, como bem chamou a atenção Almeida (2002), que permaneceu frigidificado no imaginário dos operadores do direito e das leituras pretensamente científicas. Pois este dispositivo tendeu a compreender o quilombo como algo que estava fora, isolado, para além da civilização e da cultura, confinado numa suposta autossuficiência” (Bezerra 2006:95).

No caso do Subprograma de Regulamentação Fundiária dos Territórios Quilombolas, foi peça fundamental a elaboração de um Relatório Antropológico enquanto componente que irá subsidiar o ‘Relatório Técnico de Identificação e Delimitação - RTID’, do INCRA.

De maneira geral, dos Relatórios Antropológicos referentes aos territórios quilombolas contemplados no PBA item 17, são esperados que estes contribuam para a construção de um documento que observe os critérios de auto atribuição, que permita caracterizar a trajetória histórica própria, as relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida pelos grupos que estão sendo objeto da questão.

Neste sentido vale a observação de Dalmo Dalari que cita:

“Ao invés de trabalhar com classificações étnicas operadas genericamente pela sociedade regional, o antropólogo deve explorar as incongruências internas aí verificadas, percebendo que elas constituem parte de um campo de luta em que estão envolvidos todos esses atores. Partindo dessa análise é que poderá vir a descrever o conjunto de símbolos e práticas sociais (primordialmente os preconceitos, estigmas e censuras) pelas quais os diferentes atores não-índios, de modo acumulativo mas também concorrencial, barreiras sociais que demarcam negativamente àquele grupo” (Dalari 1994:121, *apud* Silva, Luz & Helm 1994:121).

Materiais e métodos

Como aporte metodológico, para realizarmos a perícia antropológica que foi traduzida através de um Relatório Antropológico, estamos considerando toda uma extensa relação que tínhamos com a comunidade quilombola de Santana desde que a equipe de meio ambiente (GEAPA) foi implantada em Salgueiro (setembro de 2008). Foram contatos com lideranças e com a comunidade em diversas reuniões para tratar de esclarecimentos sobre a transposição, sobre as obras de apoio estrutural, sobre o Relatório Antropológico e sobre identidade étnica negra e quilombola. Este último tema foi tratado em fevereiro de 2009 com a comunidade em forma de oficina pedagógica.



Imagem 1 – Reunião na Comunidade Quilombola de Santana.
Fonte: Equipe PISF-Ministério da Integração.

Esta situação deu mais desenvoltura ao trabalho de campo na comunidade. Não éramos estranhos aos moradores locais. Nem eles eram estranhos ao cotidiano de trabalho em Salgueiro. Em particular, já tinha amizades com algumas pessoas de Santana.

O retorno à Santana dentro de um calendário com objetivos e metas predeterminadas foi facilitado pela, já sabida, presença da equipe

para executar diversas atividades na área: desde plotar os limites do território, entrevistar os mais velhos, os líderes, os jovens, as mulheres, fotografar (e muito) os momentos sociais e o cotidiano da comunidade. Sobre esta última prática vale considerar que:

“A construção de narrativas através da imagem fotográfica vem, a ser articulada com o texto verbal e a legitimidade que este alcançou, contribuir no sentido de enriquecer e agregar, além de outras formas narrativas como a literatura ou a poesia, complexidade aos esforços de interpretação de universos sociais cada vez mais densos e complexos, onde imagens por sua vez tornam-se cada vez mais um elemento da própria sociabilidade” (Achutti 1997:38-39).

Neste trabalho, entendemos a fotografia ou fotoetnografia como elemento necessário à composição do Relatório Antropológico. Neste sentido:

“Uma antropologia em imagens poderá ser feita mediante o domínio das técnicas de construção de um vídeo etnográfico, de um filme etnográfico ou de um trabalho fotoetnográfico. Futuramente estaremos fazendo a ‘velha’ e tradicional antropologia também através de uma linguagem multimídia” (Rodolfo *et al.* 1995:224).

Em termos metodológicos:

“A proposta aqui é do emprego da antropologia visual enquanto um recurso narrativo autônomo na função de convergir significações e informações a respeito de uma dada situação social” (Achutti 1997:13).

Enfim, utilizamos principalmente do bom senso para iniciarmos nosso trabalho de campo na comunidade quilombola de Santana. Diferente de momentos anteriores (os trabalhos de campo nas comunidades quilombolas de Massapê e Buenos Aires, em Carnaubeira da Penha e Custódia, respectivamente), foi realizada a plotagem da área logo nos primeiros contatos. Essa medição realizada por um técnico da área de engenharia ambiental já incluiu os pontos geo-referenciados referentes às obras do canal da transposição do rio São Francisco situado dentro do território de Santana.

Para realizar um trabalho de pesquisa antropológica dentro dos referenciais da Instrução Normativa Nº. 49 (IN 49) a opção foi pela constituição de uma equipe multidisciplinar. Compomos esta com um antropólogo, uma pedagoga e uma historiadora em período integral; e, oportunamente, tivemos a colaboração de profissionais das áreas de geografia, agronomia, engenharia ambiental, engenharia florestal e arqueologia, entre outros. Conversas profícuas com profissionais da biologia, do direito, da educação ambiental também fizeram parte do cotidiano da pesquisa.



Imagem 2 – Engenheiro Florestal e morador medindo os limites do território. Fonte: Equipe PISF-Ministério da Integração.

Anterior às visitas à comunidade de Santana, com o auxílio de duas historiadoras, fizemos uma pesquisa bibliográfico-documental na internet na busca de dados gerais sobre os municípios. Obtivemos também documentários regionais em livros e um vídeo sobre os quilombos de Pernambuco; estes foram realizados pelo Centro Luís Freire (uma ONG que trabalha no apoio aos territórios quilombolas de Pernambuco) em parceria com a Coordenação Estadual de Articulação das Comunidades Quilombolas e com a Associação do Território Quilombola de Conceição das Crioulas.

O início dos trabalhos de campo foi com as atividades paralelas de entrevistas com moradores locais e a plotagem do poligonal do território de Santana. Nesta atividade, contamos com a colaboração de um engenheiro ambiental que foi auxiliado por dois moradores da comunidade. A opção pelo início dos trabalhos de campo pela metragem da área se deu em função do fato de que a comunidade tem sua área atravessada pelas obras do canal da transposição do rio São Francisco. Esta situação conferiu uma emergência para a realização do relatório antropológico na comunidade.

As expectativas da comunidade em função das obras da transposição são muitas: oportunidade de adquirir trabalho nas obras, aproveitamento da madeira retirada para as obras, conhecimento dos limites do território, utilização dos recursos hídricos oportunizados pela obra em si.

As entrevistas gravadas em gravador digital totalizaram aproximadamente 05 horas. Como recurso auxiliar, fizemos, em todas as viagens, o registro fotográfico das pessoas sendo entrevistadas e do meio ambiente. A transcrição das entrevistas e a posterior leitura crítica desta possibilitaram a observação dos hiatos de informações que nos faltavam.

Resultados e discussão

A comunidade quilombola de Santana está localizada no município de Salgueiro-PE que possui tem 03 comunidades quilombolas:

Conceição das Crioulas (demarcada), Contendas/Tamboril do Padre/Cacimba Velha (demarcada) e Santana.



Figura 1 – Mapa de Salgueiro-Pernambuco-Brasil.

Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-de-localizacao-do-municipio-de-Salgueiro_fig1_348918898.

No município de Salgueiro, a juventude quilombola vem se colocando de forma proativa nas políticas sociais. Um aumento do capital social deste grupo é notado pela quantidade expressiva de alunos em cursos superiores e também de pós-graduação no município, e até mesmo em outros Estados. Pela Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC), com cursos de licenciatura plena em: Pedagogia, Letras, Matemática, Biologia, Geografia e História, a Universidade de Pernambuco (UPE), com o curso de Administração de Empresas e o Instituto Superior de Educação de Salgueiro (ISES), com os cursos de Filosofia e Pedagogia. Pela Fachusc, já passaram mais de uma centena de alunos quilombolas distribuídos em vários cursos.

O território de remanescentes de quilombos de Santana.

O território quilombola de Santana, em Salgueiro-PE, distante da sede do município 22 quilômetros é constituído por 05 sítios interligados. A saber, são eles: Santana, Jurema, Olaria, Recanto e Livramento. No território habitam aproximadamente 66 famílias. Os limites

atuais do território incluem as terras localizadas entre Umãs, Sítios Novos, Boqueirão, Pau Ferro e Várzea do Ramo.

A comunidade apresenta um nível de vida social e econômico elevado em relação com outras comunidades rurais e/ou quilombolas. As casas são, em sua grande maioria em alvenaria, com quintais produtivos, a produtividade das roças é constante (usa-se a irrigação), o nível de escolaridade que não é baixo (mais de 20 jovens com graduação e dois pós-graduados) e, o meio ambiente que se mantém preservado. Por outro lado, o que aparece também, é a presença de muito lixo doméstico e animais criados soltos o que contribui para a proliferação de doenças.

Em termos de saúde pública, segundo o depoimento da agente de saúde e de moradores mais idosos, existem três situações facilmente percebíveis: a verminose em quase 100% das crianças, o alcoolismo entre jovens e adolescentes e a hipertensão arterial entre idosos. A comunidade tem diagnosticado quatro casos de anemia falciforme e seis casos de deficiência mental. Esta condição torna necessário um trabalho de atenção à saúde em Santana a partir de uma especificidade de local clínica e étnica.

Dos equipamentos sociais coletivos, existem somente dois, as escolas dos sítios Santana (está completamente abandonada) e Recanto (em utilização mesmo que em péssimas condições) estão necessitando de sérios reparos na estrutura. A ausência de posto de saúde local contribui para ampliar a sensação de abandono pelo Estado. Em relação à habitação, de um total de 66 casas, 59 eram de alvenaria e 07 eram de taipa. Por outro lado, 49 destas não possuem banheiros. De forma geral, a maioria dos banheiros existentes só tem parte dos equipamentos sanitários e, também, faltam fossa e caixa d'água. Esta situação está sendo solucionada através da parceria entre o Ministério da Integração e o Ministério da Saúde, em especificamente a FUNASA, através de um projeto de substituição das casas de taipa por alvenaria e pela construção de banheiros. Existem ainda, algumas casas antigas abandonadas que constituem foco de animais e doenças.

O sistema de abastecimento e distribuição de água implantado na comunidade quilombola de Santana é operado pela COMPESA – Companhia Pernambucana de Saneamento, sendo considerado deficitário no que se refere à oferta, à captação, à distribuição e à preservação. O acesso ao território de Santana é feito pela estrada em leito natural que sai de Salgueiro no sentido da Vila Produtiva Rural – VPR Negreiros. A facilidade desta estrada na atualidade é pela manutenção que vem sendo feita pela empresa que trabalha nas obras do canal de transposição. O canal atravessa parte do Território de Santana. Podemos ter uma idéia da dimensão da obra a partir das fotos a seguir:



Imagem 3 – Visão de parte do Canal da transposição no território de Santana. Imagem 4 – Detalhe da escavação do canal.

Fonte: Equipe PISF-Ministério da Integração.

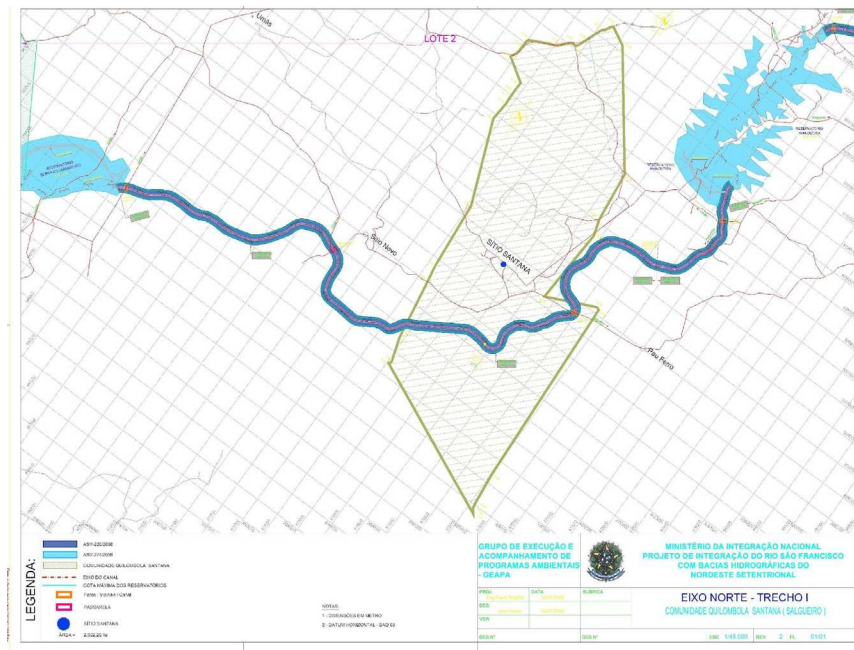


Figura 2 – Poligonal da Comunidade Quilombola de Santana com o detalhe do Canal de Águas de Transposição do rio São Francisco.
Fonte: Equipe PISF-Ministério da Integração.



Figura 3 – Mapa do percurso da água do São Francisco, a ser transportada no Projeto de Integração do Rio São Francisco com Bacias.
Fonte: Equipe PISF-Ministério da Integração.

Da economia na comunidade de Santana

A economia do território de Santana está sustentada, em grande parte, nas atividades agropecuárias estruturadas na prática compreendida como ‘agricultura familiar’. Em termos específicos, planta-se feijão, milho, cebola, em maior parte, em áreas de *baixios* (locais com facilidade de acúmulo de águas). Também, se criam bovinos (em menor quantidade), caprinos, ovinos, suínos (em campo aberto) e aves (galinhas em particular). Reproduzo abaixo um diálogo durante uma entrevista com mulheres lideranças:

Geraldo:

- O que vocês plantam aqui?

Aparecida:

- Feijão, milho, arroz, cebola, planta tudo, coentro... abóbora, tomate, isso pra vender e pra consumo, assim tudo é pra consumo o que sobra a gente vende...

Geraldo:

- Que animais você cria aqui?

Vilanir:

- Na região é bode, porco, vaca, galinha... de tudo um pouquinho... apicultura, mas é mais pra dá trabalho, leite é só quando a gente tem uma vaca com bezerro...

Geraldo:

- E o que mais de fonte de renda?

Senilda:

- Tem dois aposentados morando aqui...

Este diálogo mostra a importância do território e da agricultura e da pecuária para a dinâmica populacional local. Vale ressaltar o investimento das famílias na educação dos filhos jovens. O resultado é o número de jovens com cursos técnicos (ensino médio) e superior (graduados e pós-graduados: especialistas, mestres e doutorandos). A ocupação dessa nova geração em espaços de trabalho fora do território é bastante expressiva. São vários exemplos de jovens que através de concursos atuam em bancos, secretarias municipais e no ensino superior. Como se diz em Salgueiro: “Os negros de Santana são muito inteligentes e, facilmente, ocupam lugares de destaque em trabalhos técnicos especializados e acadêmicos!”.

Outro depoimento nos fala de um passado de prosperidade em função da cultura do algodão. De acordo com o depoimento de *Ciçã*o:

Plantar cebola da era de 50 pra cá, plantava cebola aguada no galão, pegava duas latas e botava nas costas, aí depois veio o plantio de algodão. Entre a década de 40 e 50, e lá pra trás é o seguinte: o pessoal só vivia mesmo de umas coisinhas que criava e comendo coisa do mato, macambira, xique-xique, mucunã, parreira, mandioca. Na época de 30, essa época eu alcancei sou de 24, cortei muito xique-xique pra comer. Pegava a mucunã no mato pisava pra fazer cuscuz; e depois veio a cebola e o algodão e todo mundo se criou e foi passar bem. O algodão era bom demais não sei por que Salgueiro acabou com os compradores de algodão. Não existe mais...



Imagem 5 – Cultivo da cebola.
Fonte: Equipe PISF-Ministério da Integração.



Imagem 6 - Mão-de-obra feminina na agricultura. Fonte: Equipe PISF-Ministério da Integração.



Imagem 7 - Bovinos. Imagem 8 - Caprinos; Imagem 9 - Galinhas; Imagem 10 - Suínos. Fonte: Equipe PISF-Ministério da Integração.

Um elemento de peso na economia da comunidade é a participação da mulher através do controle financeiro do Programa Bolsa Família. Este programa tem sido citado como responsável pelo empoderamento da mulher. Em algumas famílias a única renda existente é do Bolsa-família que fica sob a administração da mulher (em especial, quando em períodos de seca o marido vai trabalhar fora).

Além dos aspectos relacionados à economia local, outro fator importante na caracterização da comunidade de Santana é o seu patrimônio cultural. Do que tratamos a seguir. Por patrimônio Cultural se entende aspectos históricos e ecológicos de uma sociedade. Assim, este é constituído de bens culturais que são:

“... a produção humana nos seus aspectos emocional, intelectual e material e todas as coisas que existem na natureza. Tudo que permite ao homem conhecer a si mesmo e ao mundo que o rodeia pode ser chamado de bem cultural” (Ataídes *et al.* 1997:11-12).

A concepção atual de patrimônio cultural implica em uma divisão deste em quatro categorias. Assim:

“Há os bens naturais, que são os elementos pertencentes à natureza: animais, vegetais e minerais. São recursos naturais os rios, os vales, as montanhas etc. os bens de ordem material são as criações dos homens visando aumentar seu bem-estar social, familiar, sua vida, e adaptar-se ao meio em que vivem. São bens materiais as coisas, os objetos, as construções etc., realizadas pelo homem. Os bens de ordem intelectual são os ‘saberes’ do homem. O conhecimento ou o saber que o homem utiliza na construção de um objeto é um exemplo de bem de ordem intelectual. Os bens de ordem emocional representam o sentimento individual ou coletivo – são as manifestações folclóricas, cívicas, religiosas e artísticas, eruditas e populares que se expressam por intermédio da música, da literatura, da dança etc.” (Ataídes *et al.* 1997:11-12).

Enfim, patrimônio cultural é qualquer coisa que atesta a história de uma determinada sociedade, ou seja, tudo que se refere à identidade, à ação, à memória de uma sociedade.

Em Santana podemos citar como bens naturais, a caatinga que é expressiva como paisagem local, o riacho Grande, O serrote dos

Pedros, o solo com características diversas: ora pedregoso, em sua maioria, ora com a presença forte de áreas de baixio propícias para o plantio de árvores frutíferas.



Imagem 11 – Serrote dos Pedros.

Fonte: Equipe PISF-Ministério da Integração.

Os bens de ordem material de Santana configuram-se como uma lembrança pretérita e ainda em uso, em muitos casos: os artefatos religiosos, os artefatos utilitários de madeira, de barro, de ferro, a escola precisando de reformas estruturais e algumas casas, com uma arquitetura típica do sertão, abandonadas ao longo das terras da comunidade.

Os bens de ordem intelectual referentes à população de Santana incluem as rezadeiras, o conhecimento sobre a flora e a fauna local,

sobre os ciclos de chuva e de seca, sobre o trato com os animais. Os moradores mais velhos sabem do potencial fitoterapêutico das plantas e, onde estas estão localizadas. Os jovens ignoram este potencial e passam, por sua vez, a depender mais de valores e conhecimentos urbanos.



Imagem 12 – Baú em madeira; Imagem 13 – Rádio (funcionando);
Imagem 14 – Pilão de madeira; Imagem 15 – Chaleira de ferro.
Fonte: Equipe PISF-Ministério da Integração.

Na atualidade, o grupo que está à frente da direção da associação de Santana, enquanto entidade quilombola vem realizando um resgate das tradições culturais e incentivando a tradição das rezadeiras. Particularmente, as lideranças Maria Aparecida de Souza, Senilda Francisca da Silva e Maria Viane dos santos. Elas estão colocando a

discussão sobre identidade, religiosidade afro-brasileira, racismo e outros assuntos como pauta do dia em suas discussões locais e, também, fora da comunidade.

No território de Santana existem 04 rezadeiras oficiais na comunidade e duas aprendizes. Existe também 01 rezador neste grupo. Sobre este assunto, as professoras Aparecida e Senilda, responsáveis pelo resgate cultural disseram:

Então temos como referência na comunidade e em áreas vizinhas Tia Júlia, Cleide, Padim Zé João, a Veia Ana e Maria. Aqui tem rezadeira e rezadeiros que rezam em crianças e adultos, dos mais variados modos, espinhela caída, vento caído, mal olhado, quebrante, osso embutido, olho gordo, peito aberto, capainha caída e tosse, tem Fátima que reza de campainha, e outros mal-estar que as pessoas não sabem explicar. Tem Tia Júlia que ta passando a Cleide e a Maria. Tia Júlia é muito renomada como rezadeira.



Imagem 16 – Profa. Aparecida, sendo atendida por uma das rezadeiras.
Fonte: Equipe PISF-Ministério da Integração.

Os bens de ordem emocional de Santana, como outras situações estão na ordem de coisas pretéritas. A memória recente, entretanto, registra como fatos relevantes como o São João, as *novenas de Santana*, a *Dança da Mazurca*¹.

A religiosidade no território de Santana é predominantemente cristã. Sobretudo católicos e evangélicos² (em minoria). Não é registrada nenhuma outra expressão religiosa. A comunidade nega, formalmente, a existência de outras expressões religiosas. Entretanto, conversas informais falam de existência de uma encruzilhada na comunidade onde era comum a presença de *despachos*³. Entretanto, não se fala sobre quem fazia tais atividades. Por outro lado, uma parcela da juventude local (em especial, os militantes) manifesta uma demanda por maiores informações sobre religiosidade de matriz africana.

Entendemos que o patrimônio cultural da comunidade de remanescentes de quilombos de Santana é constituinte de sua história contada e vivida. Esse patrimônio cultural que deve ser visto como mola propulsora de transformações locais. Assim:

“Pensar em cultura neste sentido significa pensar a realização de ações que contemplem todas as expressões culturais existentes na área de atuação dos Poderes Públicos. E, não somente, as expressões que consideramos pertinentes ou de acordo com os nossos valores – que geralmente são valores de classe média. Um programa de políticas culturais não devem ser apenas o apoio a artistas ou artesãos. Vai bem mais além disso. Como resultado deve mostrar uma visível transformação social.” (Oliveira Junior 2008:01).

O olhar sobre o patrimônio cultural deve ser o mesmo que se aplica aos outros conectivos da sociedade. É o patrimônio cultural um dos elementos definitivos do modo de pensar, viver e proteger-se para o futuro.

Historicidade do território quilombola de Santana.

De modo geral, as comunidades de quilombolas, a despeito de suas especificidades históricas e culturais, tendem a expressar deman-

das comuns ao conjunto das comunidades rurais, decorrentes das pressões sociais típicas dos conflitos pela posse da terra. Desta forma:

“Os processos iniciais de territorialização das comunidades quilombolas do sertão de Pernambuco se relacionam fortemente com o contexto sociopolítico do período em que iniciou a formação de cada uma delas. O que se conta hoje nessas comunidades sobre as motivações que levaram à territorialização, os locais de procedência de seus primeiros habitantes e as identidades étnicas dos grupos envolvidos (aspectos estruturantes na construção da territorialidade), revela-nos uma forte influência das mudanças políticas e econômicas do final do século XIX. A República, a proibição do trabalho escravo e a ‘transição capitalista’ no Sertão foram alguns dos fatos ocorridos nesse período que refletiram nas estratégias e no modo de resistência dos grupos que atualmente se identificam quilombolas” (CCLF, 2008:08).

Duas fontes principais constituem a base deste capítulo: a história oral, contada pelos mais velhos e o trabalho de resgate histórico realizado pelo Centro Luis Freire e também pela professora Aparecida da Silva, como monografia de conclusão de curso de Pedagogia (FACHUSC – Salgueiro/PE). Toda essa atividade foi, evidentemente, complementada por leituras atualizadas de teses e dissertações sobre comunidades quilombolas. Em especial, o acervo do site *www.domínio público.org.br* na área de antropologia.

Em relação à origem da comunidade quilombola de Santana, o texto produzido pelo Centro Luis Freire, cita:

“Os Rocha, Luciano e Mariano protagonizaram a história do Quilombo de Santana. De origem desconhecida, ali chegaram os Rocha, primeiros moradores do lugar, depois veio os Luciano. Antônio Luciano, filho do Luciano, se casou com Rosa Rocha, filha de Antônio Rocha e neta de Zé Rocha. Os Marianos chegaram depois e habitaram na Jurema, localidade de Santana.

Durante todo o século XX, essas famílias foram estabelecendo relações sociais, econômicas e de casamento entre si, vivendo da agricultura e superando os períodos de seca, especialmente a de 1932 quando a memória dos mais velhos recorda os tempos de comer xique-xique, pão de mucunã lavado em sete águas, farinha feira da cuca de umbu, xerém, pipoca, mungunzá doce e branco, piro feito com a cuca do umbuzeiro, beiju de parreira...”

O texto de Maria Aparecida da Silva, na sua monografia sobre comunidades quilombolas de Salgueiro e a relação desta com educação é também uma pista, quando cita:

“Esta comunidade, porta atualmente cerca de 63 famílias e uma população de 278 pessoas e passa por processos de reconhecimento de comunidade quilombola. Apresenta além de relatos e características físicas, uma população remanescente de escravos que desde o início da sua fundação, tem como origem, os relatos de um dos primeiros habitantes, Luciano (ainda de sobrenome ignorado), mas de etnia negra. O mesmo ressalta que; veio ‘fugido’ da localidade de Paisagem de Pedra (distrito de Terra Nova a aproximadamente 4 km). A tradição oral é enfática, como homem forte e resistente, que demonstrava nos seus atos, exemplos de homem corajoso e sonhador de um mundo melhor” (Silva 2006:11).

Estas citações resumem a historicidade da comunidade quilombola de Santana. Entretanto, vamos preencher esta história com relatos que atestem o que foi colocado. A opção pela oralidade como recurso de construção da história da comunidade é resultado de uma invisibilidade literária que paira sobre as questões das populações afro-brasileiras, em toda a extensão do território nacional. Este quadro se repete, quase invariavelmente, no caso das comunidades negras rurais ou comunidades remanescentes de quilombos. Em Pernambuco, apesar de uma tradição literária na antropologia das populações afro-brasileiras, ainda é carente a produção sobre quilombolas.

A memória local é a memória dos mais velhos. Esses contam insistentemente sobre fronteiras, antepassados e, principalmente, de como se vivia antigamente.

“A memória de um grupo social se expressa por meio de seus rituais da ordem e da desordem, sacros e profanos, todos eles elementos simbólicos mantenedores e perpetuadores dos vínculos e das matrizes geradoras desta comunidade” (Rocha 1999:216, *apud* Rico 1999:216).

Atualmente, a comunidade, a partir de iniciativas da Diretoria da Associação local, está vivenciando seu processo de organização social

como quilombola a partir da reconstrução de seu passado. Neste processo, os idosos são tratados com muita deferência. O fato de todos serem parentes fortalece mais ainda esta situação. Uma atitude comum nas reuniões é os jovens pedirem a benção aos mais velhos. Exceção para os evangélicos locais.



Imagem 17 – Fernando. Ancestralidade de Santana.
Fonte: Equipe PISF-Ministério da Integração.

Assim, vamos expor as palavras dos mais velhos, como expressão da história local, favorecendo o reconhecimento da oralidade como recurso de dar vida à memória histórica de grupos sociais. No caso dos quilombolas que se caracteriza pela ausência de dados literários isto agrega maior importância. Segundo, Montenegro & Fernandes:

“A narrativa gravada em uma entrevista não se constitui na memória propriamente, pois esta é inacessível; configura-se como a constru-

ção de uma determinada vivência a partir da memória. Durante o processo de rememoração o depoente estabelece relações entre suas próprias experiências que o permite reconstruir seu passado segundo uma determinada estrutura, consciente ou não. [...]. Desta forma, o relato se estrutura a partir da memória, não se constituindo, no entanto, o seu conteúdo” (2001:92).

Sobre a importância que a história oral representa na elaboração de relatórios antropológicos, vale a citação de Magalhães, que afirmou:

“Datas, nomes e fórmulas não são o principal esteio dessa rememoração, dessa reconstrução, porque as referências que constituem o indivíduo como agente social representam correntes de pensamento, experiências e sentimento, que atravessam presente e passado. Durante tal processo, misturam-se nas recordações aspectos sociais e pessoais. O que aflora nessa articulação, o que importa não é a chamada parte ‘objetiva’, mas, a dimensão social da memória. E aí, entra a questão fundamental da linguagem como elemento socializador da memória” (Magalhães 2001:81, *apud* Montenegro & Fernandes 2001:81).

Na busca de uma reconstrução histórica baseada na memória oral colocamos os relatos de alguns moradores de Santana. A escolha pelos moradores obedeceu a critérios diversos, entre os quais: idade, atuação política, disponibilidade e vontade de falar. Neste sentido, iniciamos com o relato de Dona Vilanir.

... meu pai contava que Antônio Luciano era o pai dele, meu avô chegou aqui como fugitivo, meu pai contava essa história. Num tem essa passagem de pedra de Terra Nova? Depois ele vem dali, daquele lugar, aqui no Recanto era só montanha. Não tinha muita habitação, era pouca pessoa. Ele veio e se aguardou aí e ficou. Isso por causa de uma cachorra. Pegaram uma briga que mataram a cachorra dele e eu acho que ele matou o cara. Aí ele fugiu pr’aí. Como ele era um rapaz novo e solteiro, foi e casou.

Ao que tudo indica a história da cachorra é mais um recurso de retórica do que uma realidade. Talvez seja pra encobrir uma verdadeira história de escravos fugidos.



Imagem 18 – Vilanir. Ancestralidade de Santana.
Fonte: Equipe PISF-Ministério da Integração.

Os negros-galegos.

Na comunidade de Santana existem duas pessoas são que albinas. São, originalmente, quatro irmãos de um total de dez que nasceram albinos.

Outro depoimento que merece nossa atenção é o de *Ciçã*, o *nego galego de Santana*. Na realidade este senhor é albino. Sua família é atípica. De um casal de pessoas negras nasceram 10 filhos: 06 negros e 04 albinos. Não houve, entretanto, nascimento de albinos na geração dos netos. Ele descende dos primeiros moradores locais.

Sobre a origem da comunidade, *Ciçã* falou:

Começou com Antônio da Rocha meu bisavô, era o avô de minha mãe. Morava lá na Jurema. Este terreno era dele até lá no Angico.

Aí o homem morreu, aí dividiu com os filhos e foi criando... Eu conheci isso aqui com 05 casas daqui até o Recanto, conheci a casa de Joaquim Benedito, a de Mané Rocha no Souza e a de Rosa do Recanto, lá no Recanto, que era minha avó por parte de meu pai. Aí foi começando, e hoje já tem umas 70 casas. Até 1935 era pouca casa. Umas 10 a 15. De 35 para cá é que foi aumentando... É que tem muita gente daqui fora por São Paulo, na Bahia, Pau Ferro.



Imagem 19 – Aparecida e uma das mulheres albinas da comunidade.
Fonte: Equipe PISF-Ministério da Integração.



Imagem 20 – Cição, o negro-galego (albino) de Santana.
Fonte: Equipe PISF-Ministério da Integração.

A comunidade de Santana tem na sua história um líder que colocou a comunidade na pauta de interesses do Poder Público. Para Aparecida, João Mariano, seu avô representou para a comunidade todo um ideal de viver em comunidade. A busca por melhorias educacionais na comunidade sempre foi uma meta perseguida por ele. O reconhecimento veio com a homenagem em forma de dar nome a uma das escolas da comunidade, a do Sítio Recanto.



Imagem 21 – Prof. Aparecida; Imagem 22 – João Mariano;
Imagem 23 – Escola João Mariano.

Fonte: Acervo da Comunidade Santana.

Ela, em relação ao seu avô falou:

Ele era João Mariano dos Santos, foi uma pessoa que eu me espelhei bastante apesar de que quando ele faleceu eu só tinha oito anos de idade, mas ele era uma pessoa que eu conseguia observar a preocupação que ele tinha com as pessoas, e até mesmo com o meio ambiente, cuidava do riacho, plantava fruteira, eu ouvia dizer

assim: eu sei que não vou ver essa mangueira colocar fruto, mas fica aí pra vocês.

Ele vivia mais assim conversando com o pessoal, e eu lembro que minha avó reclamava muito porque ele não parava em casa, e ia pra Salgueiro também na prefeitura buscar as coisas, essa barragem, pra aquela época eu acho que meu avô era muito instruído em buscar o melhor pr'as pessoas, ele não tinha recursos financeiros nenhum, mas tinha uma neta dele que o pai dela faleceu, irmão de pai, ficou doído, ele faleceu e ele pegou a menina e registrou como filha, botou ela pra estudar mesmo sem condições financeiras, colocou ela pra estudar em Salgueiro, arrumou uma casa família pra ela, mas tinha que dá alguma coisa, mas ele dizia assim: que ia colocar ela pra estudar mas não era pra ela ir embora, ela ia estudar pra vim ser professora aqui na comunidade, ele sempre teve isso de buscar o pessoal pra ensinar, incentivou tia Cosma, incentivou tia Preta, só que ela antes de terminar o magistério ela conheceu um rapaz, casou e foi embora pra Cabrobó, foi ser professora mais lá, hoje ela mora em Petrolina, quando ele tava perto de morrer ele disse que não tinha realizado o sonho dele porque não tinha uma pessoa dele, uma neta, sendo professora, ele não conseguiu me ver sendo professora aqui, quem pode falar mais dele são essas pessoas mais velhas, como era ele, o que ele fazia pelo povo, eu tinha apenas oito anos mais eu via isso, a preocupação dele com a educação e com o desenvolvimento as pessoas, não pra enricar, mas pra ter o sustento e pelo menos não passar fome, como ele dizia que já tinha passado fome, comido mancabira, minha filha hoje vocês estão em um tempo bom, a gente comia mucunã passada a sete águas, hoje os meninos usam mucunã pra brincar... Ele é uma pessoa que não passou, ele ficou na história... Quando fizeram esse prédio da escola conversaram comigo pra pedir sugestão e eu coloquei o nome dele, mas eu perguntei as pessoas se podia botar o nome dele, e todo mundo aceitou, pena que o homenageado não está mais entre a gente, mas com certeza os familiares se sentem orgulhosos...

Enfim, patrimônio cultural é qualquer coisa que atesta a história de uma determinada sociedade, ou seja, tudo que se refere à identidade, à ação, à memória de uma sociedade. A seriedade do tema é para as comunidades tradicionais, incluindo aí os quilombolas, um imperativo no seu processo de empoderamento. Pois:

“Se não há preservação, ocorre a perda da identidade cultural o que significa o fim de um povo. A força, a criatividade, o orgulho e a

consciência de uma sociedade mantém viva sua cultura, sua identidade, aquilo que a faz ser exatamente o que ela é. ...

O 'como preservar' está intimamente ligado à educação... Nesse processo educativo estão a pesquisa e a criação de espaços culturais (museus, arquivos, bibliotecas, lugares da memória...). Por meio deles a comunidade torna-se 'dona' do seu patrimônio cultural e passa a ter contato direto com a sua cultura e com a memória coletiva" (Ataídes, Machado & Souza 1977:11-13).

Os bens naturais de Santana incluem uma diversidade de flora, fauna e recursos naturais, como serras, riachos e sítios arqueológicos. Em particular, a presença de animais silvestre como seriemas e papagaios são presença comum no território de Santana.

A presença de oratórios centenários é comum nas casas de alguns moradores, geralmente, nas casas onde ocorriam as novenas. A existência de cruzeiros em algumas áreas serve para demonstrar a afeição pelos mortos e reafirmar a religiosidade católica na comunidade.



Imagem 24 – Oratório.

Fonte: Equipe PISF-Ministério da Integração.

Uma riqueza cultural e expressa materialmente está relacionada à arquitetura rural do sertão. As casas de taipa, ou de alvenaria com seu mobiliário específico: pilões, potes, fogão de lenha etc. mostram que o passado, muitas vezes, continua vivo na forma de utilização de equipamentos domésticos e de trabalho.

Na prática, temos em Santana, um acervo museológico a céu aberto e abandonado (em alguns casos). Apesar do esforço pela recuperação da história local as provas materiais desta história estão sendo ignoradas pela supervalorização do moderno.

A comunidade sabe de suas áreas e o sentido da utilização destas. Então, grosso modo, as terras de Santana têm utilização diversa: moradia, criatório solto, roças cercadas, área de *almas* (sem utilização laboral), os umbuzeiros que são conhecidos por nome e as áreas de baixio que servem à agricultura irrigada.

Identidade quilombola: os Negros da Santana

Pertencer a Santana também é balizado pelo fato de ter nascido na comunidade e pertencer a uma das famílias geradoras. As referências são sempre pelo fato de se ter nascido em Santana e todos, na contemporaneidade, serem parentes pelo resultado das uniões interétnicas. O termo que identifica os moradores locais, não é somente *negro*, mas *negro da Santana*.

Segundo Alfredo Wagner de Almeida ao comentar sobre as relações intra e extra território é pertinente sua afirmação:

“No entanto, ao contrário do que imaginaram os defensores do ‘isolamento’ como fator de garantia do território foram as transações comerciais da produção agrícola e extrativa dos quilombos que ajudaram a consolidar suas fronteiras físicas. Assim como se enganaram aqueles que viam no quilombo uma unidade racial homogênea, pois foram as suas inter-relações com outros grupos que possibilitaram sua reprodução social e econômica” (Almeida 2002:49).

Desta forma podemos entender que a evasão oportuna e os processos de reagrupamento de pessoas de comunidades quilombolas em

outras áreas, rurais ou urbanas, fazem parte de uma dinâmica geopolítica. Isto, entretanto, não altera a adjetivação de uma comunidade ou mesmo de seus moradores (estando eles morando lá ou não).

No caso dos moradores de Santana, a possibilidade de arranjar trabalho em outras áreas pode levá-los até Salgueiro ou São Paulo, dentre outros destinos. Evidentemente, em muitos casos essa evasão temporária não traz retorno satisfatório. A dinâmica da comunidade em relação ao trabalho na terra exige uma rotina de atividades que se estende por todo um ano. Este ciclo está relacionado ao período de chuvas e de estiagem.

Uma visão sobre essa dinâmica laboral local é colocada pelo professor Pedro. Ele é um dos jovens da comunidade que é um exemplo do resultado do investimento e educação. É graduado em pedagogia, mestre e doutorando na Universidade de Brasília. Sobre sua comunidade ele coloca uma visão extremamente lúcida desse processo. Sua fala traduz uma lógica local de apropriação sustentável dos recursos ambientais do Território de Santana. Ele cita e nos incita a uma reflexão quando falou



Imagem 25 – Prof. Pedro em festividade da comunidade.
Fonte: Acervo da Comunidade Santana.

Tem muita gente que pensa em sair pra trabalhar fora e isso não é bom, esse ano mesmo eu disse aos meninos lá: cebola vai dá muito dinheiro, tem muita gente que quer trabalhar no canal e estão saindo pra trabalhar em outras firmas fora, e o cara vai porque todo mês tem o dinheiro pra receber ali, e o que ele sabe fazer mesmo é trabalhar na roça, eu me preocupo porque essa semana eu já encontrei gente que já voltou, e eles não plantaram, eles perderam o período de plantar porque estavam encantados com o trabalho remunerado, isso é sério porque ele vai ter problemas financeiros lá na frente... ele planta arroz no período da chuva, quando tá terminando o período de chuva tem o seu feijão na roça, quando terna o feijão eles plantam a cebola, quando chega o período de tirar a cebola em novembro e ele vai ajeitar as cercas, os animais, e quando volta o período da chuva ele repete esse círculo novamente, se quebrou o ciclo ele vai ter dificuldades financeiras...

Assim, as saídas da comunidade não representam uma característica de maior expressão na vida local. Mas apenas uma dinâmica de apropriação de trabalho e, com este, a possibilidade de acúmulo financeiro.

A noção de pertencimento a um território dos moradores de Santana está diretamente relacionada à ancestralidade com algumas das famílias que iniciaram a ocupação local. Ser descendente de uma dessas famílias é o que define ser de Santana e, neste sentido, ser quilombola. Para a antropologia:

“O sistema de parentesco é um dos universais da cultura; o seu estudo, a partir do final do século XVIII, tornou-se o centro de preocupações da Antropologia, quando esta começou a ser encarada cientificamente. Mesmo nas comunidades humanas de terminologia simples, as categorias básicas da relação biológica são importantes meios para o reconhecimento e a ordenação das relações sociais. As genealogias oferecem algumas categorias que permitem distinguir as relações existentes entre uma pessoa e o grupo a que ela pertence” (Marconi & Presotto 1989:113).

É sabido que esta configuração social baseada no parentesco atua no estabelecimento de redes de reciprocidade. No caso de Santana as relações de reciprocidade são mais intensas entre os moradores da

própria comunidade. Estas são integradas ao universo de trabalho na forma de trabalho na agricultura.

Em termos gerais as relações de reciprocidade em Santana caminham em paralelo com as relações baseadas nas atividades econômicas. O trabalho baseado na reciprocidade é uma referência maior para as atividades familiares; em especial àquelas ligadas à agricultura irrigada em áreas de baixio. As famílias veem na terra algo além de sua subsistência. Os moradores locais veem a possibilidade de viver com dignidade.

Considerações finais

O uso da terra em Santana está limitado a pequenas partes do território dos quilombolas. As áreas reservadas à agricultura, à pastagem e à exploração de madeira estão definidas pelas atividades laborais tradicionais. O Riacho Grande mantém a água necessária à comunidade para a agricultura irrigada em suas margens. Quando seca os agricultores cavam poços no leito e aí obtém água para dar continuidade às roças.

De maneira ampla podemos colocar que os moradores de Santana têm uma relação mais estável com o meio ambiente. Como já citado existem áreas específicas para atividades: pasto, plantio, retirada de madeira para fogão.

O desafio que se apresenta é pelo fato de que as obras do canal da transposição ainda não reconheceram as estradas de, de uso tradicional, de acesso às áreas do outro lado do canal. Tradicionalmente, os moradores e os animais têm definidos seus caminhos para estas atividades. Existe o caminho onde passam as pessoas para a colheita do umbu, existe o caminho por onde as cabras transitam para as áreas de pasto, que é diferente do caminho usado pelas vacas. Essa lógica vai ser reprocessada em função das obras. Oportunamente, pode ser interessante para a comunidade pensar a área ‘do outro lado do canal’ como área para criatório de animais. Uma área que pode ser manejada para cultivo de gado.

Em Santana podemos observar, ainda, em função do acesso à terra e à possibilidade de gerar e/ou contratar mão-de-obra local, no que diz respeito às relações socioeconômico-culturais de caráter interétnico, que estas diferenças étnicas são mantidas e perpetuadas a partir da identidade dos quilombolas vinculados à terra. No caso, o adjetivo *Negros de Santana* expõem esta condicionante de pertencimento a um território etnicamente definido.

Santana é um território onde se percebem as áreas de trabalho, geralmente dedicadas à agricultura irrigada, e as áreas preservadas. Na prática, a comunidade opera com certa racionalidade o manejo da caatinga para o pastoreio de caprino e bovinos; também como para a retirada de lenha para consumo doméstico, na construção de cercas e para uso nos fogões à lenha.

A história de Santana está diretamente relacionada a uma tríade comum a todas as comunidades quilombolas: *terra, identidade e memória*. A terra é vista como o elemento definidor dessa identidade quilombola. A memória é um elemento constituinte no sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

De forma geral, podemos entender a relação da tríade: terra, identidade e memória na comunidade de remanescente de quilombos de Santana como definidora de sua condição adjetiva de comunidade quilombola.

***Post scriptum.* Dos objetivos do programa de compensação ambiental da transposição do rio São Francisco**

No caso de Santana, o Projeto São Francisco, através de parcerias com outros órgãos das esferas federal, estadual e municipal, elencou como prioridade, de caráter estrutural, as seguintes ações (demandas em 2009):

- . Instalação de Telefone comunitário;
- . Substituição de 07 casas de taipa por alvenaria;
- . Construção de 49 banheiros em casas de alvenaria;
- . Abastecimento e tratamento d'água. Atualmente, este sistema está operando em quase . 100% das casas;
- . Saneamento básico e tratamento dos resíduos sólidos;
- . Oficina 'Saberes e Fazeres';
- . Implantação de produção de ovino-caprinocultura;
- . Implantação do quiosque cidadão (computadores); e
- . Regularização fundiária.

Resultados: Não foi instalado o telefone comunitário, não foi realizado o saneamento, não houve projeto de ovino-caprinocultura, não foi implantado o quiosque cidadão (fora doados computadores, mas, não foi viabilizado o acesso à internet). Uma visão comparativa do antes e depois do projeto de transposição do rio São Francisco, foi colocada por Brasil:

“Antes das obras chegarem, os quilombolas manejavam a sua agrobiodiversidade, segundo lógica própria, historicamente construída, com elementos da cultura tradicional e do contato com técnicas e conhecimentos transmitidos por outras comunidades da região” (2011:113-114).

“O canal isolou o acesso da criação ao resto da Caatinga, inviabilizando que os animais pastem livremente e provocando um dilema na vida dos criadores que têm o riacho Salgueiro e os açudes, do lado habitado da comunidade, como fonte de água para a criação.... Os bodes teriam de ser criados em confinamento de agora em diante. Sem terras e sem água para plantar nem o que comer, essa não pode ser classificada, no momento, como uma alternativa viável” (2011:127).

O que foi colocado acima demonstra o explícito descompromisso do Estado com as comunidades tradicionais (aqui um exemplo cabal com uma comunidade quilombola). Aliado a esse quadro, ressalto o assédio moral enquanto antropólogo, no ambiente de trabalho (caracterizado pela minimização do tempo dedicado ao trabalho de campo

e a redação do relatório Antropológico: 30 dias!), levou-me ao desencanto com o projeto sob o ponto de vista da possibilidade de transformação social. Em fevereiro de 2011, pedi desligamento do Projeto de Transposição do rio São Francisco. O ganho maior foi a experiência e as grandes amizades que fiz nas comunidades quilombolas. Muito Obrigado Comunidade Quilombola de Santana!

Nota:

¹ A Mazuca é um ritmo que mistura influências indígenas e africanas, numa mescla de pandeiro, ganzá e batida de pés. A Mazurca nasceu do encontro de escravos que fugiam para ‘o meio do mato’ e lá encontravam os índios. Juntos, eles reproduziam as festas de Mazurca, dança popular polonesa que animava as casas-grandes dos engenhos vistas e ouvidas de longe pelos negros da senzala.

² No Sítio Santana estão as sedes das igrejas católica e Congregação Cristã do Brasil.

³ Oferenda religiosa

Referências:

- ACHUTTI, L. 1997. *Fotoetnografia, um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho*. Porto Alegre: Tomo Editorial/ Palmarinca.
- ALMEIDA, A. W. 2002. “Os quilombos e as novas etnias”. In O'DWYER, E. (ed): *Quilombos – Identidade étnica e territorialidade*, p. 43-82. Rio de Janeiro: Editora FGV/ABA.
- ATAÍDES, J., MACHADO, L. & SOUZA, M. 1997. *Cuidando do patrimônio cultural*. Goiânia: UCG.
- BEZERRA, T. 2006. *O quilombo “Negros do Gilu” em Itacuruba: emergência etnoquilombola e territorialidade*. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE.
- BRASIL, D. 2011. *O mar virou sertão: a transposição do rio São Francisco e a comunidade quilombola de Santana*. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília.
- CANTARELLI, J. 2008. *Relatório antropológico de reconhecimento e delimitação do território da comunidade remanescente de quilombo Contendas*. Petrolina: INCRA.
- CENTRO Cultural Luiz Freire. 2008. *Sertão quilombola: a formação dos quilombos no sertão pernambucano*. Olinda: CCLF/CECQPE.
- LEITE, I. 2000. *Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas*. Florianópolis: UFSC/NUER.

- MARCONI, M. & PRESOTTO, Z. 1989. *Antropologia: uma introdução*. São Paulo: Atlas.
- MONTENEGRO, A. & FERNANDES, T. (eds.). 2002. *História oral: um espaço plural*. Recife: EdUFPE.
- OLIVEIRA JÚNIOR, G. 2009. *Relatório Antropológico da Comunidade Remanescente de Quilombo de Santana – Salgueiro – PE*. Brasília: Ministério da Integração
- OLIVEIRA JÚNIOR, G. 2009. Cultura e meio ambiente. Publicação eletrônica. www.kriterion.zlg.br/pg83.aspx.
- RICO, E. & DEGENSZAJN, R. 1999. *Gestão Social uma questão em debate*. São Paulo: EDUC/ISS.
- RODOLFO, A. et al. 1995. “A experiência do núcleo de antropologia visual – UFRGS”. *Horizontes Antropológicos*, 1(2): 221-230.
- SILVA, E., SOUZA, M. A. & RODRIGUES, J. 2006. *A cultura e a educação nas comunidades quilombolas do município de Salgueiro*. Monografia de Especialização. Salgueiro: FACHUSC.
- SILVA, O., LUZ, L. & HELM, C. 1994. *A perícia antropológica em processos judiciais*. Florianópolis, EdUFSC.

**Historical, Economic, Environmental and Sociocultural
Characterization of the Remaining Community of
Quilombo de Santana, Salgueiro – Pernambuco, Brazil**

Abstract: This article is a summary of the Anthropological Report of Historical, Economic, Environmental and Socio-Cultural Characterization elaborated in 2009 as an activity of the Basic Quilombola Environmental Program of the Transposition Project of the São Francisco River. The purpose of the report was to define the territory of the Community of Remnants of Quilombo de Santana, located in the municipality of Salgueiro-PE. The quilombola territory of Santana, in Salgueiro-PE, far from the headquarters of the municipality 22 kilometers is made up of 05 inter-linked sites. Namely, they are: Santana, Jurema, Pottery, Recanto e Livramento. Approximately 66 families live in the territory. The present limits of the territory include the lands located between Umãs, Sites New, Boqueirão, Pau Ferro and Várzea do Ramo.

Keywords: Anthropological report, Quilombolas, Pernambuco, Brazil.

Recebido em julho de 2022.

Aprovado em outubro de 2023.